

MUDANÇA LINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA POR QUE MUDAM AS LÍNGUAS?

Joseph Ildefonso de Araujo (UFV)

A dialetologia é a ciência que estuda as falas das várias camadas rurais ou urbanas da sociedade.

O mapeamento cartográfico é o principal instrumento para a amostragem das características peculiares dessas falas, registrando cartograficamente o seu vocabulário, as suas tendências lingüísticas nos seus vários aspectos como fonética e fonologia, morfologia e sintaxe, semântica e estilística. Esse mapeamento pode abranger, ainda, o folclore e a etnografia, revelando as características culturais da comunidade, podendo compará-las com o universo de outras localidades.

As divergências de fala em cada agrupamento humano surgem porque cada grupo sente a vida a seu modo ao fazer ao recortar o seu viver de acordo com as circunstâncias locais. A vivência local leva a fala a criar instrumentos lingüísticos apropriados para as inovações etnolingüísticas culturais a fim de adaptar-se ao sistema de vida da região. Portanto, cada grupo humano externar-se-á, pela fala, aquilo que sente no seu viver diário, sendo a fala de cada grupo a manifestação das características próprias do seu meio. A língua é o modo de sentir a vida e o seu estudo leva ao conhecimento do grupo que a usa.

As características da fala podem provocar distúrbios e ruídos na comunicação entre os grupos lingüísticos não só de comunidades diferentes, mas até de grupos da própria comunidade.

Se a fala revela e caracteriza os vários grupos sociais, não há, pois, uma fala errada, mas haverá tão somente manifestações das tendências comunitárias que procuram, muitas vezes, despir a sua fala do que é inútil e redundante e acrescentar o que lhe é próprio e característico. É a manifestação espontânea da língua corrente e viva, de uso reiterado na comunicação oral. É a língua na sua dinâmica constante que se altera diante da sua aparente imutabilidade.

Conhecer um povo e o seu progresso é conhecer a sua língua que reflète as suas experiências históricas em todos seus aspectos de vivência e níveis sócio-culturais. A língua é um fator tão forte para um povo que levou Monteiro Lobato a dizer “*A Pátria é a língua, nada mais*” e Fernando Pessoa comparou a pátria com a língua ao dizer “*Minha Pátria e a Língua Portuguesa*”. Gagné, lingüista francês, diz que “*a língua constitui um dos fatores da existência de uma comunidade, um elemento essencial de identificação nacional*” e Humboldt, lingüista alemão, arremata, dizendo:

A língua não é um simples meio de comunicação, mas a expressão do es-

pírito e da concepção do mundo dos sujeitos falantes: a vida em sociedade é um auxiliar indispensável do seu desenvolvimento, mas de modo nenhum o fim para que tende.

Essa língua viva, falada, quase nunca escrita e de uso constante está sujeita a *desgastes* que nada mais são que transformações operadas lentamente no seu sistema através de uma evolução lenta e gradual, quase imperceptível. Esse processo é a adaptação da fá-la ao modo de sentir e viver a vida, buscando simplificar a linguagem e eliminar dela o redundante, repetição inútil.

Charles Bally, lingüista francês, dizia que “*as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando*”; tem a mesma concepção N. Harrtmann ao dizer que “*a língua viva não permanece nunca em repouso, está em contínua transformação*”. Não foge da mesma linha de pensamento Eugênio Cosseriu ao afirmar que “*pela sua função a língua não está feita e sim se faz continuamente pela atividade concreta*”.

Os três lingüistas revelam a mutabilidade da língua falada, de uso pragmático. Essa mutabilidade só acontece porque a língua é de uso contínuo, estando, conseqüentemente, sujeita aos *desgastes materiais*” como sói acontecer com tudo aquilo que é de uso constante e diário. No entanto, a língua não se desgasta como uma peça de uma máquina que pode e deve ser substituída para que tenha um bom desempenho. Se a substituição não for feita adequadamente a máquina não funcionará satisfatoriamente, apresentando deficiência e, muitas vezes, perigo para o seu usuário. Os “*desgastes*” a que as línguas estão sujeitas criam, ao contrário da máquina, um fato lingüístico novo, alterando, de algum modo, a sua aparente imutabilidade, ou melhor, criando algo de novo para si. Não é um mero desgaste, uma mera modificação, um mero capricho, mas uma mudança, uma necessidade de alteração e acomodação no arcabouço da língua para adaptá-la à realidade lingüística do momento. Essa mudança na língua, todavia, não perturba, nem afeta a comunicação lingüística por ser ela gradual e lenta não impedindo que a língua continue funcionando perfeitamente par atingir o seu objetivo social de comunicação no meio em que está inserida, sem colocar em risco a compreensão entre seus utentes. Ora, se não há distúrbio na comunicação, a mudança introduzida não poderá constituir erro porque, muitas vezes, é uma expressão nova para uma idéia também nova ou para uma que já existira e fora abandonada.

Uma alteração de fonema ocorrerá geralmente no nível fonético (raramente no fonológico), não constituindo característica pertinente. Muitas vezes, uma alteração fonética ocorre num fonema, mas pode, outras vezes, ocorrer uma acumulação de alterações num feixe de fonemas que provoca a incompreensão para os ouvintes estranhos ao meio como foi constatado com

o verbete dicionarizado *mal-de/ano* que revela várias sincronias como *mar-diano*, *mardiana*, *mardiane*, *marjiana*, *manjina*, constatadas na Microrregião de Viçosa.

De tudo isso se conclui que toda língua tem suas variantes que não chegam a constituir uma nova língua. São variantes provenientes das diversidades culturais que cada agrupamento humano desenvolve. São tendências regionais de grupos lingüísticos que refletem os recortes que cada agrupamento faz do ambiente em que vive. Faraco, com muita propriedade, diz:

*Toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades e cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e sócio-culturais do grupo que a usa: como ele se constitui, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante.*¹

Toda língua é, pois, um conjunto heterogêneo de falares porque as “línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando”². A mudança na língua é uma conseqüência “impositiva” e imprescindível para que ela possa “adaptar-se às necessidades expressivas dos falantes, e continua a funcionar como língua na medida em que se adapta”³. Há não só a tendência para alterar a língua, mas uma necessidade de alteração para adaptar-se às características culturais da vida da região ou do grupo. É fato comum a todas as línguas faladas de qualquer povo ou cultura porque evolução e mudança lingüísticas são características de todos os povos. Diante disso, é necessário compreender que as diferenças da fala não são erros de linguagem, mas características culturais peculiares e necessárias à fala para que reflitam satisfatoriamente o ambiente cultural do agrupamento ao qual pertencem.

O conjunto das variedades de linguagem não constitui, todavia, um dialeto “*stricto sensu*”. Mas, se esse conjunto de variedades for tão acentuado que impeça a comunicação normal ou dificulte a compreensão de outros grupos, constituir-se-á, então, num dialeto. E esse dialeto será uma nova língua com estrutura própria, apesar da semelhança que possa aparentar com a língua da qual é uma variante.

Essas alterações da fala constituem objeto dos estudos lingüísticos. E a ciência que se dedica a fazer o levantamento das diferentes falas regionais

¹ FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo : Ática, 1991, p. 18.

² BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Berna. Pág. 15.

³ COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro : Presença; São Paulo : USP, P. 94.

é a dialetologia. Esta procura compará-las, analisando suas características e tendências lingüísticas, utilizando os levantamentos cartográficos da Geografia Lingüística, através das Cartas Lexicais, demarcadoras das diversidades lingüísticas da cada região.

A dialetologia é a ciência que busca a investigação dos dialetos, pois, *“uma dialetologia consciente... ...deve exercitar-se em trabalhos experimentais...”*⁴.

A dialetologia tem por objetivo o estudo científico dos falares populares que irão formar o dialeto que é detectado cientificamente através dos recursos que a Geografia Lingüística ira propiciar por meios dos Atlas Lingüísticos. Estes apresentam o levantamento cartográfico das características lingüísticas dialetais, tiradas dos diversos Mapas ou Cartas Lingüísticas. A dialetologia irá apresentar, por sua vez, os Glossários e a análise aprofundada das variantes lingüísticas, abrangendo a fonética, o morfologia, a sintaxe, o léxico, etc. Os dois estudos, Geografia Lingüística e dialetologia, não se excluem, mas se completam.

A dialetologia usa dos métodos da Geografia Lingüística que faz o levantamento de dados dos falares regionais para que se possa estudar e delimitar o território dos dialetos.

A Geografia Lingüística, segundo Navarro, *“ocupa-se especialmente em descobrir e traçar as áreas e limites dos fenômenos dialetais...”* Carreter diz que a Geografia Lingüística é um

*método de investigação lingüística que consiste em situar sobre o mapa da região estudada cada uma das formas com que se expressa um conceito ou uma expressão especial. Para cada noção ou expressão emprega-se um mapa distinto. O conjunto de mapas constitui um atlas lingüístico.”*⁵

Portanto, a dialetologia é a *“investigação científica dos dialetos”* e a Geografia Lingüística é *“um novo processo de estudar a linguagem humana”*. A finalidade é estudar a fala popular existente nas várias camadas sociais rurais e urbanas. O estudo é feito através do mapeamento cartográfico da fala popular com suas características peculiares, buscando conhecer as variedades da fala: pronúncia, vocabulário, características gramaticais e semânticas, etc.

No momento, estamos desenvolvendo uma pesquisa no meio rural da Zona da Mata de Minas Gerais, contanto com o auxílio financeiro da FA-PEMIG que nos dotou com uma verba para a aquisição do material de con-

⁴ ABBAD, Francisco. *Diccionario de lingüística de la escuela española*. Madrid : Gredos, 1986, p. 98.

⁵ CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid : Gredos, 1974, p. 209.

sumo, ajuda de terceiros e parte das despesas com diárias e transporte.

Após a pesquisa realizada nas microrregiões de Viçosa e em quatro localidades de Ubá, a equipe, após averiguar a situação nos municípios pesquisados, deliberou fazer a tentativa de elaborar miniatlas municipais, fugindo das características clássicas de pesquisar aglomerados urbanos com um mínimo de 700 habitantes, para alguns dialetólogos. Com essa nova perspectiva, a pesquisa vem direcionando seus trabalhos para a elaboração dos Atlas Municipais Rurais, dos Atlas das Microrregiões e, por fim, o Atlas da Zona da Mata de Minas Gerais. Cada Atlas terá o seu respectivo Glossário Popular-Técnico e Técnico-Popular, ressaltando os nomes de doenças agropecuárias.

O objetivo que levou a pesquisa a direcionar-se para a fala rural foi a visão de abandono em que vive o homem rural, sem os recursos de escolas para seus filhos, sem os recursos médico-hospitalares e sociais, num completo abandono e distante dos centros urbanos maiores nem tanto pelo espaço físico, mas pela falta de estradas transitáveis o ano todo por onde possam atingir os aglomerados maiores para suprir-se, pelo menos, de alguns recursos e benefícios sociais de que gozam os que vivem nos centros urbanos, mesmo que sejam povoados, aldeias, vilas, distritos e a própria sede municipal. Este trabalho é uma homenagem ao homem do campo que vive apegado à sua terra e a sua enxada, apesar do completo abandono, sem recursos para atualizar os meios para arrancar de seio da mãe-terra (que já possui) o sustento seu e de seus familiares e o alimento para os que vivem das benesses que a vida citadina proporciona a seus habitantes. Com o amanho da mãe-terra, as fábricas sem chaminés e sem qualquer tipo de poluição que atazana diuturnamente as administrações dos grandes centros de “progresso”, arrancam de suas entranhas o alimento de milhões de estômagos que devem ser alimentados em várias horas do dia. Esses homens rurais, esquecidos e abandonados pelos donos do poder, amarrados pelos atravessadores que lhes corroem as economias, vivem na própria terra na penúria e miséria, sem forças e sem recursos para dela tirarem os meios de subsistência. A pesquisa que desenvolvemos é uma pálida homenagem a esses homens que vivem isolados nos seus cantões e grotas do nosso imenso território. Os Atlas Lingüísticos Municipais Rurais serão o levantamento da linguagem do homem do campo que parece ter perdido a necessidade de dar nome às coisas que o cercam. Centenas de vezes, deparou-se com doenças comuns que atingem criações e plantações, mas cujos nomes desconhecidos e nem se importam de dar-lhes nomes. É um aspecto de estudo sociológico, levantado pela pesquisa, que merece atenção e estudo sério que seja isento de conotação político-ideológica.